

Variação e mudança no português arcaico: um antigo e novo *onde* nas **Cantigas de Santa Maria**

Vanda de Oliveira Bittencourt*

Resumo

No presente artigo, propõe-se mostrar que a polissemia e a multifuncionalidade do elemento adverbial *onde*, no português brasileiro contemporâneo, não correspondem a criações neológicas, conforme acreditam alguns estudiosos, mas, sim, à sedimentação de mudanças antigas e gerais. Tímido na fase latina, o redimensionamento de *onde* – gramatical, ou não – fortifica-se na fase românica, manifestando-se extremamente variado na nossa língua, conforme nos atestam os diferentes gêneros de textos medievais, nos quais, se mostra vivaz o embate semântico com o seu “arqui-rival” *u.*, também de acepção locativa. No intuito de comprovar a cinesia de *onde* nesse período arcaico do português, elegeu-se, aqui, como fonte de consulta, o mais importante cancionero religioso de toda a Idade Média, que, conhecido como **Cantigas de Santa Maria**, foi escrito, no século XIII, em galego-português, por D. Afonso X, o Sábio, e sua equipe auxiliar.

Palavras-chave: Português arcaico; **Cantigas de Santa Maria**; Item *onde*; Redimensionamentos semântico e funcional.

QUANDO *ONDE* AINDA NÃO ERA ‘ONDE’

Onde e seu destino

Intrigada com os novos rumos semânticos, gramaticais, discursivo-textuais e conversacionais assumidos pelo antigo pronome-conectivo adverbial *onde*, no português brasileiro, e examinados por Marinho (1999, 2002), Coelho (2001), dentre outros estudiosos, vi-me, muitas vezes, em apuros, para lhe dar a interpretação correta, almejada pelo enunciador, ou, pelo menos, próxima a ela. Assim, se, num conjunto de dados como os de abaixo – coletados aleatoriamente

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

das modalidades oral (LO) e escrita (LE), em uso na sincronia presente –, esse elemento não carrega maiores problemas interpretativos em enunciados como os de (1), o mesmo não se dá com os de (2), que demandam maior esforço interpretativo do enunciatário, na tentativa de “decifrar” o seu significado:

- (1) a – “Ele teve umas idéias muito boas *onde* [‘nas quais’] a gente pode se basear para escrever nosso trabalho.” (LO)
 b – “Foi entre os séculos XIV e XV, *onde* [‘quando’] se apagava o eco do lirismo trovadoresco em Portugal, que a língua galaico-portuguesa perdeu a sua hegemonia no campo da poesia lírica peninsular.” (LE)
 c – “— Professora, a senhora está aí falando, falando... sobre esse tal de Dom Duarte, mas, até agora, nada de falar sobre a nossa avaliação global... — É *onde* [‘por isso que’] eu tenho que tirar o chapéu pro Marco Antônio e ser obrigada a concordar com ele que o que atrapalha a escola são os alunos.” (LO)
- (2) a – “Escrita sobretudo por monarcas, a prosa doutrinária medieval parte do princípio que compete aos reis ensinar, em virtude de sua maior prudência e sabedoria, *onde* [‘pelo que’?] devem se constituir como um espelho para os súditos.” (LE)
 b – “D. Duarte foi um homem de amplos conhecimentos, quais sejam, a cultura e a instrução. *Onde* (?) essas virtudes demandam a curiosidade intelectual, sendo ele dotado deste acurado privilégio espiritual.” (LE)
 c – “— Que tal você ir lá no “Espetinho” e comprar uns comes-e-bebes para nós?
 — *Onde* [‘qual é?’, ‘de jeito nenhum’], cara?! Está pensando que eu sou o quê?” (LO)

Conforme se pode observar acima, apesar de distanciado de sua acepção locativa originária (‘lugar donde’), o item *onde*, constante dos enunciados transcritos em (1), não impõe maiores problemas de decodificação, mesmo nos diferentes significados metafóricos que assume, quais sejam, de indiciador de lugar virtual, em (1a), de tempo, em (1b) e de conclusão, em (1c). Diferentemente, nos exemplos apresentados em (2), essa decodificação é bem menos tranqüila, embora, quem sabe, inferível. Assim é que, em (2a), *onde* parece expressar a conclusão/dedução de um arrazoadado, que pode ser mais ou menos parafraseado da seguinte maneira: “Escrita sobretudo por monarcas, a prosa doutrinária medieval parte do princípio de que, em virtude de sua maior prudência e sabedoria, compete aos reis ensinar aos demais, ‘já que’/‘pelo que’ (*onde*) devem servir de espelho para os seus súditos’. Por seu lado, em (2b), a depreensão do sentido desse constituinte – de acepção etimológica locativa – é bem mais difícil, e, por conseguinte, sujeita

a dúvidas e a enganos de leitura – o que é ainda mais agravado, no caso em pauta, pela própria “excentricidade” estrutural do período, em seu todo. Num teste aplicado, informalmente, a alunos de Graduação em Letras, obtive paráfrases a esse excerto completamente disparatadas entre si: a) “D. Duarte foi um homem que alcançou amplos conhecimentos, por conta da sua curiosidade intelectual. Por isso é que ele tinha tantos dons espirituais”; b) “D. Duarte foi um homem que alcançou amplos conhecimentos, cultura e instrução. Como essas virtudes exigem a curiosidade intelectual, ele era dotado deste importante privilégio espiritual.”; c) “Tendo em vista que/como D. Duarte era um homem cheio de conhecimentos, cultura e instrução, ele possuía muitas virtudes que exigem curiosidade, sendo dotado de muitos privilégios espirituais.” Essas e outras retextualizações parafrásticas nos revelam, pelo menos, dois fatos: uma tendência dos interpretantes em atribuir valor explicativo, causal, conclusivo, etc. a *onde*, conforme seu contexto de ocorrência; uma dificuldade do enunciatário em decodificar o enunciado, considerado em sua totalidade.

Por seu turno, em (2c), que ilustra uma célula conversacional, o papel assumido por *onde* nos causa surpresa maior, uma vez que, ao marcar novo turno de fala, embora anuncie um ato de fala interrogativo, que, comumente, demandaria uma resposta, na verdade, expressa outro, que é a negação irretorquível do enunciatário em fazer o que lhe foi solicitado (ordenado) pelo enunciatário. Essa “leitura” é confirmada pela segunda indagação-negativa do interlocutor, que, reforça a indignação manifestada, anteriormente, por *onde*, através de uma espécie de arazoado, também em forma de pergunta, que ratifica a entre os actantes do discurso.

Feitas essas considerações preliminares e breves acerca do destino que vem sendo dado a *onde*, no português de hoje (pelo menos, em sua vertente brasileira), preocupemo-nos, agora, em averiguar “onde” e “como” tudo começou e, depois, mudou.

Ūnde e seus primeiros (des)caminhos

Em estudo anterior (BITTENCOURT, 2003), tive a oportunidade de mostrar que o item *onde*, em princípio, caracterizado como pronome adverbial relativo ou interrogativo, em seu papel de índice locativo, expressa, na sincronia atual, ‘lugar onde’/ ‘lugar em que’. Contudo, essa nuance resulta de uma mudança semântica, uma vez que o advérbio latino *ŭnde*, sua forma originária, sinalizava ‘lugar donde’, ‘lugar de origem’, ‘ponto de partida’, conforme nos comprova a seguinte frase de Quintiliano, transcrita de Saraiva ([s.d.], p. 1241):¹

¹ Para melhor ordenamento dos dados (no caso em pauta, extraídos de fonte secundária), optou-se, aqui, por enumerá-los.

- (3) “*Ūnde* concilietur risus difficilimum dicere.”
 (‘É muito difícil dizer d’onde provém o riso’)

A par desse e de outros itens adverbiais do campo da locação, o latim contava com o advérbio *ŭbi* – desaparecido do português, mas presente em línguas românicas como o francês (*ou*) – a que cabia indiciar ‘lugar onde’, ‘no lugar onde’, ‘no lugar em que’, conforme nos comprovam enunciados como o de abaixo, transcrito de Cícero, no mesmo dicionário de Saraiva (s.d., p. 1.237), de que aqui nos valemos:

- (4) “*Ūbi* tyrannus est ibi...”
 (‘Onde há um tirano, aí...’)

Além desse uso mais corrente, os dois itens adverbiais latinos *ŭnde* e *ŭbi* costumavam ultrapassar as fronteiras de sua classe, inserindo-se na dos pronomes, nela atuando como formas interrogativas e relativas – o que implicava, no caso da última, de pronome relativo, a extensão de seu uso à classe dos conectivos interoracionais. No conjunto de dados abaixo, também transcritos de Saraiva (s.d., p. 1.237), os enunciados constantes de (5) e (6), abaixo, nos revelam a emergência de tal inovação, ainda na fase clássica do latim:

- (5) a – “*Ūnde* domo?” (Virgílio)
 (‘Donde és? Qual é a tua pátria?’)
 b – “Quid loquor, aut *ŭbi* sum?” (Virgílio)
 (‘Que digo eu, ou onde estou eu?’)
 (6) a – “E proedonibus, *ŭnde* emerat...” ()
 (‘Dos piratas, a/de quem ele tinha comprado [a criança].’)
 b – “Cera, *ŭbi* facere possit litterae.” (Plauto)
 (‘Tabuinhas enceradas, onde eu possa escrever.’)

Em face desses novos rumos semantico-funcionais, de um modo particular, do que nos revela uso de *ŭnde* e *ŭbi* em função conectiva, podemos concluir que, no próprio latim clássico, os dois itens se encontravam em processo de “gramatização”, segundo terminologia utilizada pelo neogramático indo-europeísta Antoine de Meillet (1912), para se referir à passagem de palavras nocionais a palavras gramaticais, e, hoje, um dos objetos centrais das investigações diacrônicas de linha funcionalista (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1991; CASTILHO, 1997; MARTELOTTA; VOTRE e CEZARIO, 1996; VOTRE, CEZARIO e MARTELOTTA, 2004, dentre vários outros).

Outro tipo de “descaminho”, que, segundo algumas gramáticas latinas, embora restrito ao latim vulgar, teria emergido no latim clássico, é o que concerne ao resvalamento semântico de *ŭbi* (‘lugar onde’) e *ŭnde* (‘lugar donde’), da esfera da locação **espacial**, para a da locação **temporal**, em decorrência de um processo de metaforização, uma das etapas constantes do fenômeno da gramaticalização.

A par desse neologismo semântico, Maurer Jr. (1959), um de nossos maiores estudiosos do latim vulgar, nos aponta outro, também próprio à modalidade oral, qual seja, o emprego de *ŭbi* (‘lugar onde’) em substituição a *quo*, indicador de ‘lugar para’, ‘para algum lugar’, ‘para alguma parte’. Numa espécie de compensação a esse “desvio” semântico, acredita esse autor que coube a *ŭnde* (‘lugar donde’) assumir, em determinados contextos, o sentido originário de *ŭbi*, exprimindo, em substituição a ele, a idéia de ‘lugar onde’. Eis-nos, pois, diante de um dos possíveis desencadeadores (“gatilhos”) dessa mudança, responsável pelo novo destino semântico e funcional do então pronome relativo adverbial *ŭnde*.²

QUANDO *ONDE* COMEÇA A SE TORNAR ‘ONDE’ E MUITO MAIS DO QUE ‘ONDE’

Insinuando-se, branda e sorratamente, na fase de domínio do latim, as transformações acima mencionadas (e, possivelmente, outras mais), que envolviam os itens *ŭnde* e *ŭbi* não só criaram força com o passar do tempo, como, ainda, ampliaram o seu campo de atuação. De uso restrito num primeiro momento, *ŭnde*, no papel de índice de ‘lugar onde’, foi, aos poucos, tomando o posto de *ŭbi*, conseguindo, em línguas como o português, vencê-lo definitivamente, chegando a eliminá-lo de seu acervo lexical.

Na presente seção, cumpre-me, justamente, examinar esse quadro de variação e de prenúncio de mudanças, no galego-português, fase primeira do período arcaico de nossa língua. Com isso, espero, nas mesmas trilhas de Oliveira (1997), deixar claro que, embora por razões de metodologia de análise, as mudanças linguísticas já efetivadas sejam descritas em termos de um *continuum* cronológico, na verdade, o seu estabelecimento definitivo – correspondente à vitória de uma das formas concorrentes – é precedido de um estágio intermediário, de longa duração, no qual se verifica o embate entre variantes num quadro que se vai alterando cronológica, qualitativa e quantitativamente.

Para melhor delineamento desse panorama, optei por aproveitar a experiência adquirida como membro do grupo de “Cantigueiros de Santa Maria”, da PUC

² Para melhor acompanhamento da disputa entre *onde* e *u*, consulte-se Bomfim (1993).

Minas, que, há mais de 12 anos, vem se dedicando à leitura e ao estudo das **Cantigas de Santa Maria** (século XIII), de D. Afonso, o Sábio, elegendo, como *corpus* representativo do galego-português, uma amostra constituída das cantigas de milagres que integram o primeiro volume (primeira centena) dessa monumental obra do medievo ibérico, volume esse tido pelos especialistas como o mais importante de toda a obra. Tal amostra foi obtida a partir da edição crítica elaborada por Walter Mettmann (1988 e 1956-1972), com base nos três códices remanescentes dessa coletânea: o Escorialense (*E*), o da Igreja de Toledo (*To*) e o da Biblioteca do Escorial, que, conforme demonstrado por Nella Aita (1921, 1922), constitui um todo com o da Biblioteca Nacional de Florença (*T/F*).

Além dessa razão de ordem prática, naturalmente, outras mais determinaram a escolha desse cancionero como objeto do presente estudo. Dentre elas, salientem-se, aqui, as seguintes: o desejo de contribuir para um melhor conhecimento do português arcaico; a certeza de que o sucesso da descrição e explanação do percurso evolutivo das línguas depende do estabelecimento de quadros que nos revelem o seu uso real em sincronias distintas; por fim, como não podia deixar de ser, o dever de colaborar para a divulgação de uma obra, cuja grandiosidade e riqueza artística são assim referidas pela Profa. Ângela Vaz Leão, estudiosa incansável e propagadora ferrenha desse monumento da literatura medieval europeia:

De fato, além de serem precioso documento lingüístico e verdadeira obra de arte literária, iconográfica e musical, as **Cantigas de Milagre** constituem também valiosa fonte histórica para o conhecimento dos hábitos e costumes, das doenças e calamidades, do jogo e da prostituição, dos ofícios e dos lazeres, das crenças e das religiões, da vida quotidiana e do imaginário popular, enfim de toda a cultura ibérica, na Idade Média. (LEÃO, 1997, p. 33)

A partir, pois, do testemunho fornecido por essa fonte documental primária ímpar, vejamos como se comporta o elemento *onde*, nesse período inicial do português arcaico.

Uma primeira observação a fazer é a que diz respeito ao quadro geral vigente nas **Cantigas**, em termos da freqüência de uso de *onde* – até então, caracterizado como pronome adverbial relativo sinalizador de ‘lugar donde’ – e dos novos papéis por ele assumidos, nos diferentes planos da língua portuguesa. Entrando em concorrência **semântica** com o também pronome adverbial relativo *u* (nova forma de *ŭbi* e índice de ‘lugar onde’), o novo *onde* (‘lugar onde’), embora ainda em desvantagem numérica nessa etapa, vai usurpando o papel do rival, que, embora ainda vivaz em sua antiga função, também faz suas investidas em território alheio, resvalando, metaforicamente, para o universo temporal, conforme pude mostrar em trabalho anterior (BITTENCOURT, 2003). Os versos abaixo, transcritos do cancionero afonsino, nos dão uma idéia dessa movimentação em progresso dos

dois elementos: *onde*, que, a par de seu sentido etimológico (‘lugar donde’, exemplo 7a), passa, no mesmo âmbito da instância de locação, a indicar nova nuance, qual seja, de ‘lugar onde’ (exemplo 8a); *u*, que, ainda produtivo como índice espacial de ‘lugar onde’ (exemplo 7b), invade o território alheio da locação temporal, passando a valer, também, como ‘quando’ (exemplo 8b):³

(7) a – Enton tod’ aquela gente que y juntada era
foron corrend’ aa casa **ond’** essa voz vëera,
e sacaron o menõo du o judeu o posera
viv’ e são, e dizian todos: “Que bon recende!” (Cant. 6, última estrofe)
(Paráfrase: Então toda aquela gente que havia se juntado ali foi correndo à casa **de onde** viera essa voz e tiraram o menino, vivo e são, do lugar onde o judeu o pusera. E todos diziam: “Como cheira bem!”)

b – E a tal vida usou
per u quer que andava
muito, que jajõou
nas feiras u mercava
mas pero nunca achou,
u quer que ele estava
quen lle fizesse nojo
ond’ ouvesse queixume. (Cant. 116, estrofe 3)
(Paráfrase: ‘E [o mercador] levou esse tipo de vida por onde quer que fosse e jejuou nas feiras onde mercadava, mas nunca encontrou, onde quer que estivesse, que lhe fizesse **onde** houvesse queixume.’)

(8) a – As gentes, quand’ est’ oyron, correndo chegaram y
u o donzel braadava... (Cant. 42, v. 47-48)
(Paráfrase: ‘Quando ouviram isso, as pessoas chegaram correndo ali, **onde** o jovem bradava [por Santa Maria]...’)

b – E **u** singravan pelo mar, atal foi ssa ventura
que se levou mui gran tormenta, e a noit’ escura
se fez... (Cant. 36, v. 10-12)⁴
(Paráfrase: ‘E **quando** [os marinheiros] singravam o mar, sua desventura foi tal, que uma grande tormenta se ergueu, e a noite se fez escura...’)

³ Para melhor identificação dos termos em estudo – *u* e *onde* – optei por destacá-los, em negrito, sublinhado ou itálico, nos textos apresentados como exemplos.

⁴ Na transcrição dos dados, procurei respeitar, através do uso de fonte diferenciada, o esquema estrutural básico das narrativas de milagres, que, examinado em Bittencourt (2001), compreende três partes: EMENTA (indicada em letra maiúscula), *refração* (identificado por letra em itálico) e estrofes narrativas (sinalizadas por fonte comum).

No que tange à concorrência semântica de *onde* com *u*, nunca é demais repetir que os dados aqui examinados – obtidos da primeira centena de cantigas – deixam claro que se tratar de um processo em fase inicial, uma vez que o emprego daquele por este ainda é muito insípido. Tanto é que as ocorrências de *onde* com o valor de ‘lugar onde’ são detectadas, sobretudo, a partir do segundo volume das **Cantigas** (exemplo 7b), escrito, naturalmente, em tempo posterior ao primeiro.⁵ Em outras palavras, embora tenhamos sinais de que *onde* vinha se instaurando, já nessa primeira fase do português arcaico, como marcador de “lugar onde” – no qual acabou se instalando definitivamente em algumas línguas românicas como o português, não eliminou de todo o locativo *u*, que, embora, posteriormente, tenha sido “banido” de nossa língua, não só se mostrava suficientemente forte em sua acepção etimológica, nessa etapa, como já se espalhava, confortavelmente, conforme referido, pela esfera da temporalidade, na qual lhe coube exprimir ‘tempo quando’ (exemplo 8b).

Todavia, as usurpações, extensões de sentido, fortificação de um item e enfraquecimento de outro, não são os únicos ingredientes desse quadro de variação e possível mudança. No que toca a *onde*, objeto central deste estudo, verificam-se, nas **Cantigas**, outros tipos de alteração, alguns dos quais praticamente fixados na nossa língua, nesse primeiro momento de sua fase arcaica. Um deles é o emprego de *onde* ainda bem perto de sua acepção etimológica, mas, com certo grau de abstratização, já que usado para exprimir ‘lugar donde’ virtual. Comprove-se essa possibilidade em exemplos como os apresentados a seguir:

- (9) a – E macar eu estas duas [entendimento e razon] non ey
 com’ eu querria, pero provarei
 a mostrar ende um pouco que sei,
 confiando en Deus, **onde** o sabor ven... (Prólogo B, v. 9-12)
 (Paráfrase: ‘ E embora eu não tenha essas duas qualidades [entendi-
 mento e assunto] como desejaria, procurarei mostrar, todavia, o pouco
 que delas sei, confiando em Deus, **de onde** vem o prazer...’)
- b – De que sãou hũa vez
 ben a Gondianda
 hũa moller que lle fez
 rogo e demanda
 atal,
 per que lle non ficou sinal.

⁵ De acordo com Mettmann (1986, p. 24), estima-se que o período de elaboração das três fases de 100, 200 e 400 cantigas corresponderia às seguintes datas, respectivamente: de 1270 a 1274; de 1274 a 1277 e de 1277 a 1282, o que significa que a composição das **Cantigas** durou cerca de 12 anos.

(Refrão)

Daquele fogo montes

de que layda era,

onde tan gran dano pres

que poren posera

çendal

ant' a faz con coita mortal. (Cant. 81, estrofes 3 e 4)

(Paráfrase: 'Do qual [fogo selvagem], certa vez, [Nossa Senhora] livrou Gondianda, uma mulher que Lhe rogara e Lhe pedira de um modo tal, que não lhe ficou nenhum sinal (*refrão*) daquele fogo montês que a deixara feia, e **do/com o qual** sofreu tão grande dano, que, por isso, cobrira a face com um véu, em sofrimento mortal.')

Outra novidade funcional relativa ao termo adverbial *onde*, nessa fase de nossa língua, é a sua assunção – registrada nas **Cantigas** – de novo estatuto sintático, uma vez que passa a exercer funções conectivas no âmbito inter-oracional, configurando-se, assim, como um dos casos ilustrativos do processo de gramaticalização ocorrido na fase arcaica de nossa língua. Em acepção variada – conclusiva, explicativa, causal, ou, até mesmo, condicional –, segundo o contexto em que figura, *onde* não só atua como elemento de integração inter-sentencial, mas, também, como operador argumentativo, função comumente exercida por essa classe de itens. Confirme-se mais essa reorientação de *onde*, nos seguintes excertos transcritos das cantigas ora em estudo:

(10) a – “Sennor, que de madre nome me deste,
en toller-mio logo mal me fezeste;
mas pelo prazer que do teu ouveste
Fillo, dá-m' este meu que veja rir.

(*Refrão*)

Ca tu soa es a que mio podes dar,
e porend' a ti o venno demandar;

onde, groriosa Sennor, sen tardar

dá-mio vivo, que aja que ti gracir.” (Cant. 21, estrofes 8 e 9)

(Paráfrase: 'Senhora, já que me deste o título de mãe, fizeste mal em tirá-lo de mim, mas, pela alegria que tiveste com o Teu Filho, dá-me este [o meu], para que eu possa vê-lo sorrir. Como apenas Tu é que me podes dá-lo, por isso venho pedi-lo a Ti. **Por isso**, gloriosa Senhora, devolva-o logo a mim, para que eu possa Te agradecer.')

- b – O monge da dona non foi connoçudo,
onde prazer ouve, e ir-se quisera;
 logo da capela u era metudo
 non viu end’ a porta nen per u vëera. (Cant. 9, estrofe ??)
 (Paráfrase: ‘O monge [que prometera a uma abadessa trazer-lhe, de Jerusalém, uma imagem de Nossa Senhora] não foi reconhecido pela mulher, **pelo que** sentiu prazer e queria ir-se embora. Mas não viu a porta da capela onde se achava, nem o lugar por onde passara.’)

Todavia, a mudança de maior porte de *onde* – registrada em outros textos medievais de gêneros e tipos textuais variados – decorre de seu aproveitamento na produção do discurso e do texto, o que nos remete à mudança lingüística denominada “discursivização” por funcionalistas como Martelotta, Votre e Cezario (1996), Oliveira (1997), Votre, Cezario e Martelotta (2004) e outros mais, que, no caso, decorre da extensão do processo de “gramaticalização”, que torna *onde* um elemento de conexão interfrasal.

Num processo similar ao que levou os advérbios espaciais e temporais como *aí*, *daí*, *então* e, até mesmo, o verbo *ir* (Exemplo: “**Vai**, a menina desobedeceu a mãe e saiu de casa assim mesmo.” – LO), a atuar no espaço intratextual, também esse novo *onde* passou, na qualidade de articulador, a contribuir para a construção da malha tópica dos textos. De caráter narrativo, as cantigas de *miragres* da coletânea de D. Afonso, muito mais que as de *loor*, constituíram território propício para o emprego desse novo *onde*, que, assumindo nuances semânticas de acordo com o contexto em que era inserido, passou a ser um dos recursos mais constantes para “amarrar” as diferentes passagens do relato empreendido. O conjunto de dados abaixo nos dá uma idéia da versatilidade adquirida por *onde*, em sua nova esfera de atuação, qual seja, a do processamento discursivo-textual. Nos dois primeiro deles (11a e 11b), por exemplo, esse elemento – do mesmo modo que os pronomes demonstrativos (Exemplos: “**Desto** fez Santa Maria milagre fremoso” – cant. 77; “E **desto** Santa Maria de Sopenran fez un dia miragr’ en Andaluzia” – cant. 83, etc.) – não só é utilizado para marcar o início do relato propriamente dito, como para conectá-lo com o refrão, a que cabe o papel narrativo de anunciar o tema da cantiga, assim como com o título-ementa, que enuncia o resumo do milagre:

- (11) a – COMO SANTA MARIA GUARDOU UN MONGE DOS DIA-
 BOOS QUE O QUISERAN TENTAR E SE LLE MOSTRARON
 EN FIGURAS DE PORCOS POLO FAZER PERDER.

*A Santa Maria mui bon servir faz,
pois o poder ela do demo desfaz.*

Onde avêo desto que en Conturbel
fez Santa Maria miragre mui bel
por un monge bõo, cast' e mui fiel,
que viu de diabres vïir mui gran az. (Cant. 82, *refrão* e estrofe 1)
(Paráfrase: 'COMO SANTA MARIA LIVROU UM MONGE DOS
DIABOS QUE O QUISERAM TENTAR, MOSTRANDO-SE A
ELE EM FORMA DE PORCOS, A FIM DE FAZER COM QUE
ELE SE PERDESSE.

*Aquele que serve a Santa Maria faz muito bem, pois Ela desfaz o poder
do demônio.*

A **propósito disso**, aconteceu, em Canterbury, um milagre muito belo
que Santa Maria operou em favor de um monge bom, casto e muito
fiel, que viu se aproximar uma grande legião de demônios.)

b – ESTA É COMO SANTA MARIA GUARECEU A SA OMAGEN,
QUE A NON QUEIMASS' O FOGO.

*Torto seria grand' e desmesura
de prender mal da Virgens sa figura.*

Ond' avêo en San Miguel de Tomba,
no mōesteiro que jaz sobre lomba
dũa gran pena, que já quant' é comba,
en que corisco feriu noite escura.

(Cant. 39, EMENTA, *refrão* e estrofe 1)

(Paráfrase: 'ESTA NOS CONTA COMO SANTA MARIA PRO-
TEGEU A SUA IMAGEM, PARA QUE O FOGO NÃO A QUEI-
MASSE.

*Seria uma grande injustiça e coisa desmedida que a figura da Virgem
sofresse algum mal.*

Certa vez, aconteceu em São Miguel de Tomba, no mosteiro que jaz
sobre a lombada de um grande penhasco, que, agora, é côncavo, que
um raio feriu a noite escura.)

À moda de *daí, então, aí*, etc., de que nos valemos hoje – muitas vezes desabu-
sadamente – para indicar a continuidade do que estava sendo contando, o item
onde é usado com tal função, assumindo nuances semânticas diferenciadas em

consonância com o contexto em que figura. Dessa maneira, tal como os marcadores de continuidade supracitados, ele serve para estabelecer, ou até mesmo restabelecer, o fio condutor das diferentes etapas da narração (de resumo, orientação, complicação da ação, resolução da ação, avaliação e coda, de acordo com LABOV, 1972). Em (12), abaixo, ilustra-se essa possibilidade a mais do uso de *onde*, que, em ambos os casos, contribui para ligar a operação de “orientação” à de “complicação da ação”:

(12) a – E desto vos quero contar
un gran miragre que mostrar
quis a Virgen que non á par,
na cidade de Pavia.

(*Refrão*)

Un crerig’ ouv’ i sabedor
de todo ben e servidor
desta groriosa Sennor
quant’ ele mais podia.

(...)

Ond’ avẽo que conteçeu,
poi-lo bispo dali morreu,
a un sant’ om’ apareceu

a Virgen que nos guya. (Cant. 87, estrofes 1, 2 e 4)

(Paráfrase: ‘E, a respeito disso, vos quero contar um grande milagre que a Virgem sem par quis operar, na cidade de Pávia. Havia aí um clérigo conhecedor de todo o bem e servidor, o quanto mais podia, desta gloriosa Senhora. **Então/aí**, aconteceu que, depois que o bispo dali morreu, a Virgem que nos guia apareceu para um santo homem.’)

b – Aquel bispo era ome sant’ e de mui bõa vida,
e mui mais religioso que sse morass’ en ermida;
e por aquesto o demo tanto teme u as vñda,
que disse que non podia servir por enfermidade.

Ond’ avẽo que un dia ambos jantando siian
e que todo-los sergentes, foras aquele, serviam... (Cant. 67, v. 66-72)

(Paráfrase: ‘Aquele bispo era um homem santo, de vida exemplar e muito mais religioso que morasse numa ermida. Por isso, o demônio teme u tanto a sua vinda, que disse que não podia trabalhar, porque se encontrava doente. **Então/aí**, aconteceu, num dia em que ambos estavam jantando e que todos os serviçais os serviam, exceto aquele...’)

Em face desses dados e de muitos outros mais encontrados em diferentes fontes documentais do português medieval, é possível constatar que a multifuncionalidade de *onde* – tida por alguns estudiosos como um fenômeno atual – já se mostrava produtiva na fase de formação do vernáculo lusitano e de outros de fundo românico, como concretização e ampliação de tendências já observadas no latim, sua língua matriz.

ONDE EM BALANÇO FINAL

O pouco que aqui se pôde mostrar acerca dos novos enveredamentos semânticos, gramaticais e discursivo-textuais de *onde*, desde a sua língua originária, pode ser sintetizado num quadro único, de variação e mudança em curso, que retrata a situação de cruzamento de camadas cronológicas distintas ainda em coexistência na fase arcaica de nossa língua, aqui examinada, através de uma de suas fontes primárias.

Mais ou menos antigos e mais ou menos freqüentes, encontramos, no galego-português das **Cantigas de Santa Maria**, em situação de co-ocorrência, pelo menos, cinco direções tomadas por *onde*, dentre os quais, até mesmo, a que vigorava no estágio latino, conforme mostrado, configuracionalmente, no Quadro 1 síntese.

Quadro 1. Significados e funções de *onde* nas cem primeiras narrativas de milagres das *Cantigas de Santa Maria*.

Caso de Retenção	Casos de Inovação			
<i>Onde</i> = Pronome adverbial relativo, sinalizador de 'lugar donde'	<i>Onde</i> = Pronome adverbial relativo, sinalizador de 'lugar onde', em substituição a <i>u</i>	<i>Onde</i> = Pronome adverbial relativo sinalizador de 'lugar donde virtual'	<i>Onde</i> = Conectivo interclausular, semanticamente variável e operador argumentativo	<i>Onde</i> = Articulador discursivo e textual

Fonte: Dados da pesquisa.

Résumé

Dans ce travail, on essaye de montrer que les plusieurs rôles – sémantiques et fonctionnelles – joués par le pronom adverbial *onde* (<latin *unde*) dans le portugais actuel c'est un phénomène vieux, déjà enregistré dans l'ancien portugais. Pour cela, on utilise comme source les **Cantigas de Santa Maria (Chansons de Sainte Marie)**, écrites, au XIII^{ème} siècle, par le roi Alphonse X, le Sage.

Mots clés: Variation et changement; Le pronom adverbial *onde*; Nouveaux rôles dans l'ancien portugais; **Cantigas de Santa Maria**.

Referências

- AFONSO X, o Sábio. **Cantigas de Santa Maria**. Ed. Crítica de Walter Mettmann. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1956-1972. 4 v.
- AFONSO X, o Sábio. **Cantigas de Santa Maria**. Ed. Crítica de Walter Mettmann. Madrid: Clásicos Castalia, 1988. v. 1
- AITA, Nella. O códice florentino de cantigas de Affonso, o Sábio. **Revista de Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 187-200, set. 1921.
- AITA, Nella. O códice florentino de cantigas de Affonso, o Sábio (continuação). **Revista de Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 105-128, nov. 1921.
- AITA, Nella. O códice florentino de cantigas de Affonso, o Sábio (continuação). **Revista de Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 153-160, nov. 1921.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. *U e ONDE nas Cantigas de Santa Maria: rumos de gramaticalização e de discursivização*. ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 4, 2002, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. De como se ementam as **Cantigas de Santa Maria**, de D. Afonso X. Salvador: UFBA, 2003. Comunicação apresentada no IV Encontro Internacional de Estudos Medievais, patrocinado pela UFBA e pela ABREM, em Salvador, de /7/2003.
- BONFIM, Eneida do Rêgo Monteiro. Variação e mudança no português arcaico: o caso de *u* e de *onde*. **Palavra**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 96-119, 1993.
- CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. **Estudos lingüísticos e literários**, Salvador, n. 19, p. 25-64, março 1997.
- COELHO, Maria Sueli. **Uma análise funcional do “onde” no português contemporâneo**: da sintaxe ao discurso. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- LABOV, William. **Language in the inner city**. Philadelphia: Philadelphia University Press, 1972.

LEÃO, Ângela Vaz. As Cantigas de Santa Maria. **Caderno de Extensão**. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 7, n. 23, p. 27-42, 1997.

MARINHO, Janice Helena Chaves. O uso de *onde* no texto acadêmico. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: UFMG, v. 8, n. 1, p. 159-170, jan./jun. 1999.

MARINHO, Janice Helena Chaves. **O funcionamento discursivo do item *onde*: uma abordagem modular**. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. **Gramaticalização no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MAURER JR. Th, H. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MEILLET, Antoine. (1912). **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1948.

METTMANN, Walter. “Glossário”. **Cantigas de Santa Maria**. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 1972. v. IV.

OLIVEIRA, Leonor de Araújo Bezerra. **A trajetória de gramaticalização do *onde*: uma abordagem funcionalista**. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-portuguez**. 7. ed. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, [s.d.].

VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.